

Sandra Regina Mousinho Azevedo
Amélia Nunes Sicsú
Flávia Regina Souza Ramos

GUIA PARA ENTREVISTA QUALITATIVA SEMI-ESTRUTURADA

Preparando a melhor experiência em Pesquisa



SOBRE AS AUTORAS



Sandra Regina Azevedo Costa

Enfermeira do SAMU - Manaus/AM, Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem em Saúde Pública - ProEnSP da Universidade do Estado do Amazonas. Especializanda em Educação na Saúde para Preceptores no SUS/Sírio Libanés.



Amélia Nunes Sicsú

Enfermeira, Doutora em Ciências (Enfermagem em Saúde Pública). Mestre em Ciências da Saúde. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem em Saúde Pública (ProEnSP/UEA).



Flavia Regina Souza Ramos

Enfermeira, Doutora em Filosofia em Enfermagem. Professora titular aposentada da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Visitante da Universidade do Estado de Santa Catarina e Pesquisadora visitante da Universidade do estado do Amazonas



Entrevista

Pesquisa Qualitativa



"Os processos dos fenômenos do mundo devem ser descritos antes de teorizados, compreendidos antes de explicados e vistos como qualidades concretas antes de quantidades abstratas" (Brinkmann & Kvale).

Neste guia, exploraremos os principais aspectos da realização de entrevistas incluindo: características e classificações, práticas recomendadas para entrevistas com dicas para uma coleta de dados bem-sucedida e como criar um guia de entrevista qualitativa semi-estruturada, exemplificando-o, com um modelo de check-list.

Mas o que realmente significa fazer uma entrevista?

A entrevista constitui um recurso no qual o pesquisador se coloca diante do participante para formular questões voltadas à coleta de informações relevantes à pesquisa. Trata-se, assim, de um processo de interação entre duas pessoas, com caráter comunicativo; uma condução dirigida por quem realiza a investigação com quem irá fornecer os dados solicitados; um diálogo com finalidades específicas¹.

A entrevista vai além de uma simples coleta de dados, é uma ação que exige habilidade, doação, empatia, desnudamento de preconceitos e conhecimento. Dominar a entrevista é essencial para a obtenção de dados qualitativos relevantes, pois ela favorece um engajamento autêntico com os participantes, destacando suas trajetórias e ampliando a compreensão aprofundada da geração de informações; daí ser considerada crucial, a "espinha dorsal" do estudo, quando esse é o instrumento pesquisa^{2,3,4}.



Por meio de entrevistas tornam-se visíveis padrões que revelam percepções, sentimentos e interpretações individuais. Para isso é fundamental que sejam espaços para manifestações genuínas, que respeitam o contexto e as singularidades, conferem ao entrevistado o papel central e garantam uma visão ampla e que valoriza suas experiências, princípio fundamental da pesquisa qualitativa. Além disso, pode ser associada a outras estratégias, como a observação e a análise documental, conferindo maior robustez a pesquisa^{2,3,4}.

As entrevistas apresentam **três dimensões** que orientam suas principais características e possibilitam sua classificação. Este guia busca fornecer uma compreensão sintetizada, específica e objetiva, facilitando a identificação do contexto mais adequado para cada tipo de estudo. Essas dimensões são: a dimensão temporal, a dimensão espacial e a dimensão estrutural⁴.

A **dimensão temporal** indica que a entrevista se configura como um processo comunicativo direto, em tempo real, com interação síncrona entre entrevistador e entrevistado. Nessa dinâmica, ocorre troca ativa de informações, com perguntas, esclarecimentos e comentários, estabelecendo um diálogo^{2,4}.

A **dimensão espacial** refere-se à posição dos participantes e ao ambiente em que ocorrerá a entrevista. Ela pode ser realizada presencialmente ou a distância. A escolha do formato depende de fatores como as características dos participantes, o perfil do pesquisador, os objetivos do estudo, os recursos disponíveis e outras condições. Esses critérios devem ser observados para não comprometer a qualidade das informações, preservar a individualidade do entrevistado e assegurar a credibilidade do estudo.

Já a **dimensão estrutural** é definida pela existência ou não de um roteiro que guie a condução da entrevista pelo pesquisador. São classificadas em^{2,4,6-10}: estruturadas, semiestruturadas e não estruturadas, ou livres, como logo veremos.



A seguir, destacam-se as modalidades mais empregadas, quanto a dimensão espacial:^{2-5:}



Entrevistas Presenciais:

Modalidade tradicional da pesquisa qualitativa, realizada face a face com interação direta e oral. Favorece o aprofundamento das informações, a observação de comportamentos e o uso de pistas não verbais, como gestos, postura, entonação e expressões faciais. Essa proximidade contribui para estabelecer confiança, criando um ambiente propício à expressão genuína de pensamentos e emoções. Como limitações, demandam maior tempo, recursos financeiros e podem enfrentar dificuldades logísticas para reunir todos os envolvidos no mesmo local.



Entrevistas a distância por telefone:

Caracterizam-se pela possibilidade de alcançar participantes distantes, eliminando barreiras geográficas e otimizando recursos. Essa modalidade tende a preservar o anonimato, favorecendo a sinceridade em temas sensíveis, uma vez que não há exposição visual. No entanto, a ausência de elementos não verbais constitui limitação importante, dificultando a interpretação de nuances e a construção imediata de empatia. A falta de contato visual também restringe a obtenção de informações contextuais importantes e detalhadas.



Entrevistas a distância online ou baseadas em plataformas digitais:

Destacam-se pela flexibilidade e alcance ampliado. Podem ocorrer em tempo real ou de forma assíncrona, conforme a disponibilidade dos participantes, reduzindo custos e otimizando recursos. São conduzidas por vídeo-chamada (com interação síncrona e observação visual, mas geralmente mais breves que as presenciais), por e-mail (assíncrona, utilizada em último recurso quando outras estratégias não têm êxito) ou por aplicativos de mensagens, como *chats* ou *WhatsApp* (sem recursos não verbais). Apesar de ampliarem a diversidade de perfis, podem ser limitadas pela carência de infraestrutura tecnológica e pela instabilidade da conexão. Mesmo quando síncronas, exigem do pesquisador atenção para captar reações e entonações mediadas pela tela.



Já segundo a dimensão estrutural as entrevistas podem classificadas em^{2,4,6-10}:

✓ Entrevistas estruturadas:

Método rigoroso na pesquisa qualitativa, seguem um roteiro previamente elaborado, com perguntas padronizadas e ordenadas aplicadas para todos os participantes. Essa uniformidade garante que as respostas sejam obtidas em condições semelhantes, assegurando a comparabilidade e aumentando a confiabilidade dos resultados. O formato, geralmente aplicado em ambientes controlados, favorece a precisão na coleta de informações e a objetividade na análise, além de reduzir a interferência pessoal do entrevistador. Essa característica é especialmente útil quando se busca medir ou comparar fenômenos entre diferentes grupos ou contextos. No entanto, sua rigidez metodológica restringe a possibilidade de aprofundar questões que surgem espontaneamente, o que pode limitar a amplitude da compreensão. Ainda assim, é um recurso valioso para pesquisas que exigem forte controle teórico, como avaliações de programas institucionais, estudos de impacto e análises comparativas estruturadas.

✓ Entrevistas semiestruturadas:

Representam um formato flexível de investigação qualitativa, que combina questões previamente formuladas com a abertura para explorar novos tópicos que emergem durante a interação. Essa característica permite um diálogo mais natural, capaz de captar nuances, significados e experiências que não estavam inicialmente previstos, enriquecendo o conteúdo coletado, oferecendo liberdade suficiente para que o entrevistador aprofunde determinados pontos conforme a relevância para o estudo. Essa abordagem exige habilidades específicas, como escuta ativa, sensibilidade para perceber pistas verbais e não verbais e capacidade de manter a coerência temática. É especialmente útil em estudos que buscam compreender fenômenos sociais complexos ou construir interpretações teóricas a partir da vivência dos participantes, favorece a criação de um ambiente mais acolhedor e colaborativo.

Entrevistas livres ou não estruturadas:

✓ Caracterizam-se por oferecer máxima liberdade e espontaneidade na interação entre entrevistador e entrevistado, sem a utilização de um roteiro fixo. Essa ausência de rigidez estimula uma conversa fluida, na qual o participante pode abordar livremente os temas que considera relevantes, revelando informações ricas, subjetivas e contextualizadas. Esse tipo de entrevista é especialmente valioso em estudos exploratórios, que buscam investigar fenômenos pouco conhecidos ou compreender experiências individuais de forma aprofundada. No entanto, a falta de padronização torna a análise mais complexa, pois as respostas variam amplamente em forma e conteúdo. Para que essa abordagem seja eficaz, o entrevistador deve possuir experiência e habilidade para manter o direcionamento da investigação.



Apesar da aparência de naturalidade, a entrevista é uma técnica sistemática de coleta de dados, não um simples diálogo. Deve ser planejada, conduzida e constantemente ajustada aos objetivos do estudo, de forma a gerar informações consistentes e relevantes, garantindo a credibilidade e a qualidade da pesquisa. Então, vamos lá, desvendar algumas etapas de suma importância para a conscientização desse instrumento e sua utilização!!

Processo de realização de entrevista em pesquisa qualitativa

Envolve uma série de etapas antes, durante e depois da entrevista, exigindo planejamento, execução e reflexão cuidadosos para garantir que produzam dados valiosos e confiáveis. Aqui estão alguns componentes-chave a serem considerados:



1

Planejamento, preparação e pesquisa pré-entrevista

O planejamento da entrevista inicia bem antes de sua aplicação, desde a tematização para o desenvolvimento do estudo. A revisão bibliográfica já começa a orientar a escolha do tema e a formulação das perguntas. Antes mesmo de redigir a primeira questão, é essencial compreender o que a literatura aponta sobre o público-alvo, etapa conhecida como fase exploratória. Em algumas situações, haverá extensa produção científica; em outras, será necessário buscar estudos com populações semelhantes. Utilizar essa **base teórica** garante que as perguntas estejam fundamentadas em pesquisas anteriores e que tragam novos olhares sobre o tema. Essa abordagem também permite delimitar melhor os problemas, produzindo dados mais significativos 2,4,7-12. Antes de realizar a entrevista, o pesquisador precisa entender completamente o tópico da pesquisa, definir o **objetivo**, o instrumento e identificar possíveis entrevistados.

A definição do **perfil dos participantes** envolve a questão central: "A quem entrevistar?". Em pesquisas qualitativas, a seleção normalmente se dá por conveniência, ou seja, por meio da escolha intencional de indivíduos com características que se alinhem aos propósitos do estudo. Essa estratégia pode variar conforme o contexto, sendo possível optar por amostras homogêneas, de alta definição, ou heterogêneas, de alta variação, quando se deseja contemplar diferentes perspectivas⁴.

Outro ponto recorrente, especialmente entre iniciantes, refere-se ao tamanho da amostra: "Quantos entrevistar?". Não há um número fixo, pois a quantidade de participantes depende da natureza da pesquisa, então, normalmente a resposta para essa pergunta dependerá de vários fatores agregados. A técnica mais adotada é a da **saturação**, que determina a interrupção das coletas quando os dados começam a se repetir, sem trazer novas contribuições. Em resumo, a amostra torna-se suficiente quando os depoimentos deixam de oferecer conteúdos inéditos^{4,11}. Estudos revelam que quanto mais heterogênea a amostra, envolvendo vários contextos, maior será o número de entrevistas para saturação dos dados¹¹.



A elaboração de um **guia de entrevista** é fundamental para garantir a coerência e o alinhamento com os objetivos da pesquisa, traçando um roteiro flexível. Esse instrumento, baseado em temas centrais ou perguntas previamente definidas, facilita a condução do diálogo e assegura que os tópicos essenciais sejam abordados. Além disso, permite adaptações conforme o tipo de entrevista adotado, buscando a profundidade e a qualidade das informações coletadas¹². Como instrumento de apoio ao guia, será exemplificado um check-list correspondente.



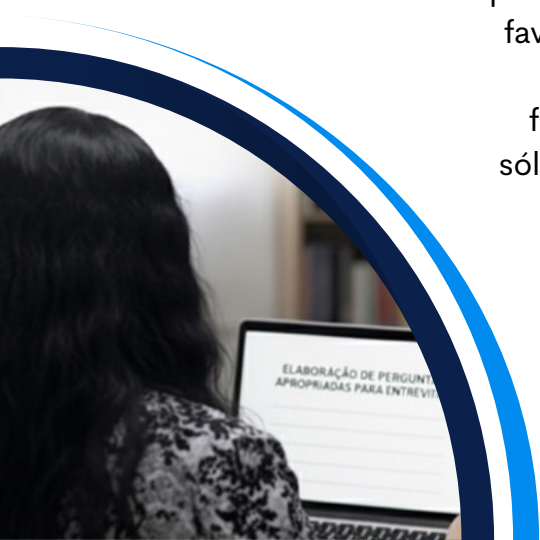
Desenvolvendo perguntas de entrevista apropriadas

As perguntas de um questionário devem ter finalidade clara e propósito definido, sendo recomendável organizá-las conforme os objetivos pretendidos. A elaboração exige conhecimento prévio das características da amostra que responderá ao instrumento, garantindo pertinência e relevância das informações obtidas. Para assegurar coerência com a pesquisa, sugere-se refletir sobre a utilidade de cada questão, sua relação com os objetivos e a contribuição esperada para o estudo. Como estratégia de organização, recomenda-se agrupar os itens por eixos temáticos ou blocos, facilitando a estruturação e a análise dos dados¹³.

Perguntas bem elaboradas devem ser abertas, claras e diretamente relacionadas aos objetivos do estudo, favorecendo a coleta de relatos ricos e significativos. O entrevistador deve permitir que os participantes compartilhem livremente suas experiências, opiniões e sentimentos, evitando direcioná-los a determinadas respostas. A literatura pode auxiliar na definição dos dados relevantes a serem coletados. O uso de perguntas complementares e a organização por blocos temáticos são estratégias recomendadas, com apoio do guia de entrevista como referência do início ao fim da conversa^{2,4, 6,7,8}.

Questões bem estruturadas exigem não apenas conhecimento técnico, mas também sensibilidade, atenção, cuidado e dedicação por parte do pesquisador. Esses elementos se conectam de forma harmoniosa com a problematização do estudo, permitindo que a investigação seja conduzida de maneira mais assertiva e direcionada. A combinação dessas competências fortalece a interação entre pesquisador e participante, favorecendo um relacionamento de confiança e respeito mútuo.

Como resultado, os dados coletados tendem a ser mais fidedignos, completos e relevantes, proporcionando uma base sólida para análises consistentes e conclusões fundamentadas¹².



3

Qualidade da entrevista

A entrevista deve ser centrada no entrevistado, valorizando sua experiência e contexto. O preparo do entrevistador é essencial e inclui leituras sobre o tema, domínio técnico e sensibilidade ética. A qualidade da coleta está diretamente ligada à capacidade do entrevistador de conduzir a interação com responsabilidade científica e ética^{5,6}. Para tal, também faz-se necessário que o pesquisador conheça o mínimo do histórico do entrevistado, desenvolvendo confiança e sensibilidade em suas narrativas¹¹. Alguns critérios ajudam a avaliar a qualidade da entrevista: riqueza e relevância das respostas, equilíbrio entre perguntas sucintas e respostas detalhadas, uso de sondagens para aprofundamento, interpretação contínua ao longo da conversa e verificação das compreensões com o próprio participante. Também se considera a completude do relato, ou seja, se a entrevista constitui uma narrativa coerente e abrangente^{4,5,6,8}.

Por fim, é recomendável a realização de um teste-piloto do guia de entrevista. Essa etapa permite identificar falhas, possíveis vieses, limitações de aplicação e melhorias necessárias, através dos feedbacks. A entrevista piloto funciona como um ensaio prático, possibilitando ajustes no instrumento e o aprimoramento das habilidades do entrevistador, treinando-o para as futuras entrevistas^{6,7,8}. Deve ser realizado com poucos entrevistados ou especialistas nas áreas do estudo¹²



4

Convite para entrevista

O convite para participação na entrevista deve ser elaborado de forma clara, objetiva e padronizada, apresentando-se preferencialmente como um documento formal¹⁴ (Apêndice 1). Nele, é importante incluir o título da pesquisa e uma breve descrição do foco principal, identificando o público-alvo e explicitando os objetivos do estudo. Devem constar também informações sobre a autorização institucional para a realização da pesquisa, bem como algumas considerações éticas pertinentes.



É recomendável informar que as datas e horários poderão ser definidos de acordo com a disponibilidade do entrevistado, oferecendo flexibilidade para facilitar a participação. Ao final, o convite deve apresentar uma mensagem de agradecimento antecipado pela atenção e colaboração, seguida da identificação e credenciais do pesquisador, transmitindo profissionalismo, confiança e transparência. Essa estrutura contribui para estabelecer desde o início uma relação ética e respeitosa, incentivando a adesão ao estudo.

5

Agendamento e ambiente

É fundamental que a logística para a realização da entrevista seja planejada com atenção, priorizando a escolha de horários e locais que sejam convenientes para o participante, oferecendo alternativas flexíveis que se ajustem à sua disponibilidade. Em muitos casos, o fator que inviabiliza a participação não é a falta de interesse ou informação, mas sim a limitação de tempo, o que torna indispensável um agendamento colaborativo, construído de forma voluntária e respeitosa. O momento deve ser definido em comum acordo, assegurando que o entrevistado possa participar sem pressa ou desconforto. O ambiente ideal é aquele que proporciona bem-estar, segurança e tranquilidade, livre de interrupções, distrações ou situações que gerem constrangimento. Como mudanças de data e horário podem ocorrer, é importante informar previamente a duração estimada da entrevista, favorecendo a organização do participante^{4,6,7}.

Se houver utilização de equipamentos de gravação, seja em áudio ou vídeo, é imprescindível garantir previamente seu pleno funcionamento, evitando falhas que comprometam a coleta de dados. Para isso, recomenda-se a realização de testes antes da entrevista e a preparação de um plano alternativo, como dispor de um segundo dispositivo, pilhas ou baterias extras. Além disso, a escolha do local deve considerar não apenas o conforto físico, mas também a privacidade e a segurança, criando um espaço propício para um diálogo aberto e sincero. Ambientes silenciosos, com acústica favorável, contribuem para a captação clara do som e para a preservação da qualidade técnica das gravações, assegurando a integridade das informações e fortalecendo a confiabilidade do material coletado⁵.



Considerações éticas

Antes de iniciar qualquer coleta de dados, é imprescindível apresentar ao participante informações detalhadas sobre a pesquisa, assegurando que compreenda seus propósitos, procedimentos e possíveis implicações. A anuência deve ser registrada por meio de consentimento formal, garantindo que a decisão seja tomada de forma livre e consciente. O sigilo das informações e a preservação da identidade são compromissos inegociáveis, e o entrevistador deve explicar como será feita a proteção dos registros e materiais obtidos. É igualmente necessário deixar claro que a colaboração é voluntária e que a interrupção da participação pode ocorrer a qualquer momento, sem justificativas ou prejuízos^{4,7,14}.

A consideração às particularidades culturais do entrevistado constitui elemento central para o êxito da entrevista, pois possibilita ajustes na forma de conduzir a interação, assegurando que o diálogo se mantenha respeitoso, inclusivo e produtivo. É imprescindível identificar e prevenir situações capazes de gerar favorecimento indevido, conflitos de interesse ou qualquer comprometimento da imparcialidade, garantindo a neutralidade e a confiabilidade do processo investigativo. A comunicação clara, objetiva e acessível sobre as medidas de proteção e sigilo aplicadas aos dados coletados contribui significativamente para reforçar a credibilidade, a transparência e a integridade da pesquisa¹⁴.

Além disso, o pesquisador deve observar rigorosamente princípios éticos como honestidade, integridade, responsabilidade, compromisso, profissionalismo e respeito, mantendo conduta íntegra em todas as etapas da pesquisa, com confidencialidade e privacidade. Essas práticas visam não apenas proteger a dignidade e os direitos do participante, mas também minimizar riscos de danos físicos, emocionais, sociais ou quaisquer desconfortos, mantendo a beneficência, fortalecendo a qualidade científica e ética do estudo^{13,15}. É imprescindível a assinatura do termo de consentimento informado e esclarecido sobre todos esses dados mencionados, antes de iniciar a entrevista.



A Construção do relacionamento (*Rapport*)

A entrevista deve se basear na construção de um relacionamento de confiança e segurança, compartilhe um pouco sobre você, sua motivação, o propósito do estudo, suas expectativas e condução dos dados; criando um vínculo entre entrevistador e entrevistado, uma conexão¹². Para tal, alguns aspectos merecem destaques^{2,7,8,13}:



Empatia e acolhimento

A demonstração de empatia é fundamental para compreender e conectar-se às emoções com o participante. Esse cuidado contribui para criar um ambiente seguro e receptivo, favorecendo a participação ativa e o engajamento no estudo. O acolhimento ajuda a reduzir barreiras emocionais, tornando a interação mais humanizada e eficaz.

Essa postura não apenas fortalece o vínculo, mas também amplia a disposição do entrevistado em compartilhar informações de forma aberta e honesta. Além disso, demonstra compromisso ético com o bem-estar do participante, tornam-se pilares indispensáveis para a qualidade e a integridade do processo investigativo;



Escuta Ativa e atenção

A prática da escuta ativa vai além de ouvir palavras; envolve captar sentimentos, intenções e nuances expressas da comunicação do participante. Isso requer concentração plena, evitando interrupções e distrações que possam prejudicar o entendimento. É importante reconhecer e validar as preocupações do entrevistado, oferecendo informações adequadas para esclarecer dúvidas ou reduzir resistências. Essa abordagem favorece um clima de cooperação e ajuda a lidar com possíveis objeções de forma construtiva. Quando o entrevistador adota essa postura, minimiza o risco de recusas e amplia a qualidade dos dados obtidos. Assim, a escuta ativa se consolida como ferramenta estratégica na condução de entrevistas eficazes;



Comunicação Verbal e Não Verbal

A coerência entre o discurso verbal e as expressões não verbais é determinante para a criação de um ambiente de confiança e segurança. Elementos como postura, gestos, contato visual e tom de voz devem estar alinhados à mensagem transmitida. Técnicas como o espelhamento da comunicação favorecem a empatia e facilitam a conexão com o entrevistado.



A atenção a sinais corporais e expressões faciais possibilita ajustar a abordagem em tempo real, tornando a interação mais fluida e natural. O domínio dessa competência amplia as chances de obter respostas mais completas e sinceras. Assim, a comunicação verbal e não verbal deve ser cuidadosamente cultivada durante todo o processo da entrevista;

Adaptação ao Estilo de Comunicação do Cliente



Reconhecer que cada participante possui preferências de comunicação distintas é essencial para garantir entendimento e envolvimento. Alguns respondem melhor a explicações técnicas e detalhadas, enquanto outros se conectam mais com exemplos práticos ou narrativas. O entrevistador deve ajustar seu estilo de linguagem e abordagem de acordo com o perfil do interlocutor, favorecendo a clareza das informações. Essa adaptação demonstra flexibilidade e respeito, facilitando a compreensão dos objetivos da pesquisa. Além disso, contribui para estabelecer um diálogo mais fluido e produtivo, reduzindo possíveis barreiras de comunicação. Ao alinhar sua forma de falar às expectativas do participante, fortalece a conexão e assegura a compreensão da pesquisa;

Construção da confiança



A confiança entre entrevistador e participante é construída de forma gradual, baseada na transparência, na concretização de compromissos e na clareza das informações transmitidas. Um ambiente de confiança estimula a participação ativa, aumenta a sinceridade nas respostas e reduz resistências. A honestidade em todas as etapas do processo fortalece o vínculo e transmite segurança. Quanto mais sólida a confiança, maior a probabilidade de cooperação e engajamento. Essa relação positiva impacta diretamente na qualidade e relevância dos dados coletados. Assim, investir na construção da confiança é um passo indispensável para o sucesso de qualquer entrevista



Respeito pelo tempo do participante



A valorização do tempo do entrevistado demonstra consideração e profissionalismo por parte do pesquisador. É essencial evitar abordagens invasivas ou insistentes, respeitando o ritmo e as condições do participante. Além disso, é importante conceder espaço para que o entrevistado reflita antes de responder ou decida sobre sua participação.



Essa postura colabora para criar um ambiente mais leve e acolhedor, evitando pressões desnecessárias. Ao reconhecer que o tempo do participante é valioso, o pesquisador transmite respeito e seriedade. Tal cuidado fortalece a imagem da pesquisa e favorece a disponibilidade para futuras interações;



Personalização da Abordagem

Tratar cada participante como único é um princípio que valoriza a individualidade e respeita as diferenças pessoais. Isso implica evitar roteiros rígidos e abordagens genéricas, ajustando a condução da entrevista às necessidades e expectativas do entrevistado. A personalização contribui para aumentar o conforto e a receptividade do participante. Ao adaptar-se a diferentes perfis, o pesquisador demonstra sensibilidade e competência relacional. Esse cuidado também ajuda a construir um vínculo mais sólido e duradouro, fundamental para a coleta de informações precisas;



Reciprocidade

A entrevista deve ser compreendida como um processo colaborativo, no qual pesquisador e participante desempenham papéis complementares. O entrevistador tem a responsabilidade de conduzir a conversa, manter o foco nos objetivos e criar um ambiente propício à troca de informações. Já o participante contribui ativamente ao compartilhar experiências, opiniões e percepções relevantes. A reciprocidade também se traduz no reconhecimento da importância da participação e no retorno das informações pertinentes ao entrevistado; valorizar sua colaboração, promove uma relação mais equilibrada e produtiva, para efetividade do processo de coleta de dados;



Anotações e gravação

A valorização do tempo do entrevistado demonstra consideração e profissionalismo por parte do pesquisador. É essencial evitar abordagens invasivas ou insistentes, respeitando o ritmo e as condições do participante. Além disso, é importante conceder espaço para que o entrevistado reflita antes de responder ou decida sobre sua participação.



Entretanto, esse recurso deve ser complementado por anotações realizadas durante ou imediatamente após a entrevista, registrando aspectos que a gravação não capta, como expressões faciais, gestos, postura e outras manifestações não verbais do participante. Essas anotações também permitem documentar impressões e percepções do entrevistador, assim como incidentes, interrupções ou comportamentos que possam influenciar a interpretação dos dados^{4,5}.

Pós-entrevista

Após a conclusão da entrevista, é indispensável demonstrar gratidão ao participante, reconhecendo o tempo dedicado e a relevância de sua contribuição para o estudo. Esse gesto fortalece o vínculo e reforça a importância de sua participação. Além do diálogo, é fundamental documentar observações sobre o ambiente, expressões faciais, postura, entonação e quaisquer acontecimentos inesperados, pois esses elementos enriquecem a compreensão do contexto e ampliam a qualidade da análise^{2,4,7,8}.

O entrevistador deve reservar alguns minutos após o término para refletir sobre a experiência, processar percepções, registrar impressões pessoais e avaliar a eficácia do roteiro. Esse momento interno também possibilita ajustes no guia ou na condução, tornando futuras entrevistas mais eficazes. A prática contínua da autoanálise favorece o desenvolvimento de habilidades, aprimorando a sensibilidade, a escuta ativa e a profundidade na coleta de dados, resultando em registros mais completos e interpretações mais consistentes¹⁶.



Transcrição das entrevistas

A transcrição do conteúdo deve ser realizada o quanto antes, enquanto as informações ainda estão vívidas na memória do entrevistador, garantindo maior precisão no registro. A transcrição converte o conteúdo gravado em texto, fornecendo um relato detalhado das falas para análises posteriores. Existem dois tipos principais: literal, que inclui todas as palavras, pausas e entonações; e limpa, que elimina repetições, gagueiras e palavras de preenchimento, focando no conteúdo essencial. A transcrição pode ser feita manualmente, garantindo maior familiaridade e precisão, ou por software automatizado, que economiza tempo mas exige revisão manual. A formatação deve ser consistente, com identificação clara dos falantes e carimbos de data/hora. É fundamental anonimizar informações pessoais para preservar a confidencialidade. A qualidade da transcrição deve ser verificada por outra pessoa ou pelo próprio pesquisador, marcando trechos inaudíveis ou duvidosos^{2,4}.





Após a transcrição com obtenção dos dados, o material resultante passará por etapas de organização, armazenamento, gerenciamento, codificação e análise.

Para esse processo, poderá ser utilizado um software de Análise Qualitativa Assistida por Computador (CAQDAS), especificamente o ATLAS.ti, que possibilita a criação e o registro de códigos de forma sistematizada.

Em seguida, para uma segunda codificação de caráter confirmatório, pode-se utilizar a Inteligência Artificial (IA) por meio do ChatGPT, que realizará a identificação de códigos individualmente para cada entrevista. A combinação dessas duas tecnologias permite a inclusão de subcódigos e o refinamento das categorias e temas, ampliando a precisão, a consistência e a adequação dos resultados analíticos¹⁷.

Preparação para a análise da entrevista:

A etapa de análise pode direcionar-se à interpretação do significado contido nos dados, empregando procedimentos como codificação temática, leitura hermenêutica ou outras abordagens voltadas à compreensão de sentidos. Alternativamente, o foco pode recair sobre a estrutura da linguagem, utilizando técnicas como análise narrativa, discursiva ou textual para examinar a forma como as informações são construídas. Independentemente do método escolhido, é essencial garantir a validade interpretativa, adotando critérios claros e consistentes ao longo de todo o processo^{2,4}.

Antes do início da análise formal, todas as transcrições precisam ser submetidas à anonimização, preservando a identidade dos participantes e atendendo aos princípios éticos da pesquisa. Uma prática recomendada é numerar linhas e páginas dos registros textuais, o que facilita a localização de trechos específicos durante a interpretação e a elaboração de relatórios. Essa organização contribui para a rastreabilidade das conclusões e fortalece a precisão das discussões apresentadas¹⁴.

Construindo o guia da entrevista: etapas e dicas

Inicie seu roteiro compartilhando informações essenciais com o entrevistado.

Ele deve ser um guia flexível, adaptável e mutável, que ajude a explicar o objetivo do estudo, o consentimento informado e a confidencialidade. Também deve servir para apresentar você, fortalecendo o vínculo inicial. Ao final, lembre-se de fornecer seus contatos e avisar sobre possíveis contatos futuros para esclarecimentos ou feedback^{2,4-7}.



Apresente-se brevemente, destacando sua experiência profissional e os objetivos da pesquisa, enfatizando os benefícios para a saúde pública, como na Atenção Primária. Comece com perguntas simples sobre o entrevistado para aquecer a conversa e criar um ambiente descontraído, demonstrando interesse e respeito pela expertise dele, evitando um clima de interrogatório^{2,4-7}.

Explique ao entrevistado sobre os cuidados éticos. Colete o consentimento.

Não prossiga com a entrevista sem obtê-lo. Dê ao participante tempo suficiente para ler o formulário e fazer quantas perguntas sobre consentimento forem necessárias. Não prossiga sem o consentimento informado, dando tempo para dúvidas. A confiança entre pesquisador e participante é fundamental para o compartilhamento de experiências. Se o entrevistado recusar assinar, respeite e agradeça, deixando informações para um possível contato futuro^{2,4-7}.

É hora de “quebrar o gelo”, modere as perguntas

Lembre-se de que o processo envolve principalmente construir interação e conexão com o entrevistado, começando com perguntas leves para “quebrar o gelo”. Organize as questões das mais fáceis ou menos controversas para as mais complexas, a fim de criar segurança e credibilidade gradualmente. Evite iniciar com perguntas amplas ou de alto risco para não causar retração. Use frases abertas, como “Conte-me sobre...”, que incentivam o entrevistado a narrar livremente, permitindo que surjam ideias inesperadas.

Outras introduções úteis incluem: “Você pode me descrever?”, “O que aconteceu?”, “Como você avalia isso?”^{2,4-8}.

A partir daqui, iremos “descascar a cebola” após a passagem das perguntas fáceis (“primeira camada”), introduza perguntas mais abrangentes para aprofundar o tema. Na pesquisa qualitativa, perguntas amplas possibilitam que o entrevistado conduza a resposta em diversas direções, frequentemente revelando informações valiosas e inesperadas, podendo tornar-se uma das partes mais importantes do estudo⁴.

Às vezes, é necessário aplicar sondagens — perguntas complementares para esclarecer ou aprofundar aspectos comportamentais, cognitivos e emocionais. Elas visam (1) incentivar a expressão completa do entrevistado (motivação) e (2) focar a resposta na questão (orientação). Para usar sondagens, conheça bem a pesquisa e os objetivos de cada pergunta.

Evite sugerir respostas e prefira a “sonda em silêncio” — pausas que indicam interesse por mais detalhes. Perguntas neutras como “O que você quer dizer?” ou “Fale-me mais sobre isso” estimulam o aprofundamento. Identificam-se assim vários



tipos de sondagem, listaremos seis tipos: silenciosa, estímulo, elaboração, esclarecimento, recapitulação e reflexiva, todas possuem o objetivo de qualificar a entrevista e devem ser criteriosamente usadas pelo entrevistador^{2,4-7,18}.

Perguntas de desfecho, relaxe!

Ao finalizar a entrevista, é recomendável desacelerar o ritmo, criando um espaço aberto para que o participante possa tirar dúvidas, fazer comentários ou compartilhar reflexões sobre a experiência. Perguntar como foi o processo e se deseja acrescentar alguma informação fortalece o vínculo e amplia a sensação de acolhimento. Esse momento também serve para identificar pontos que possam ter ficado pendentes e esclarecê-los antes do encerramento. Esse momento possibilita que o entrevistado perceba o valor de sua contribuição e se sinta respeitado em sua participação, até o último momento da coleta⁴⁻⁷.

Esclarecendo o que virá depois

O encerramento da entrevista deve incluir informações claras sobre os próximos passos da pesquisa, de modo que o participante saiba exatamente o que esperar. Explicar como os dados serão tratados, qual será o cronograma e quais retornos serão fornecidos demonstra transparência e profissionalismo. É fundamental agradecer sinceramente pelo tempo, dedicação e colaboração, valorizando o papel do entrevistado na construção dos resultados. Esse cuidado final ajuda a manter uma relação positiva, especialmente em estudos que preveem contatos futuros. Assim, o fechamento não apenas encerra a coleta, mas também fortalece o vínculo estabelecido e assegura que a participação tenha sido compreendida em todo o seu valor⁶.

Segunda entrevista?

A possibilidade de realizar uma segunda entrevista deve ser considerada sempre que houver necessidade de esclarecer dúvidas identificadas durante a transcrição dos dados. Essa etapa complementar enriquece as informações, permitindo maior profundidade nas análises e o esclarecimento de aspectos que possam ter ficado incompletos. Além disso, oferece uma oportunidade para o entrevistado refletir sobre o que foi dito e acrescentar novas percepções, pode enriquecer os dados e permitir feedback, melhorando a qualidade e a precisão da pesquisa, ao mesmo tempo em que valoriza a participação ativa do entrevistado. Quando bem conduzida, a segunda entrevista amplia a robustez dos resultados e aumenta a validade das interpretações^{4,5}.



É importante, imediatamente após a entrevista, preparar o comentário interpretativo, enquanto as ideias estão “fresquinhos” na mente, registrando impressões e percepções do pesquisador. Essa anotação deve incluir comportamentos observados, desafios enfrentados, reações do entrevistado, sua experiência na realização da entrevista e possíveis vieses percebidos. Esse material interpretativo auxilia na contextualização das respostas e na identificação de aspectos que não aparecem diretamente nas falas registradas. Essa reflexão inicial é valiosa para a análise posterior e para aprimorar futuras entrevistas, prevenindo erros e fortalecendo o desempenho^{4,7,13}.

Fase pós-transcrição

Após concluir a transcrição, pode-se enviar uma cópia ao entrevistado para que verifique o conteúdo, faça correções ou adições, e valide informações relevantes⁴. Isso deve fazer parte do acordo inicial, no momento do consentimento, especificando se a devolutiva tem caráter de feedback, de concordância final ou de condição para o uso dos dados. Também é importante definir previamente o nível de participação do entrevistado nesta etapa, incluindo prazos para resposta e forma de comunicação. Essa prática fortalece a transparência, aumenta a precisão do material e garante que as interpretações estejam alinhadas à perspectiva do participante. Além disso, essa devolutiva contribui para a construção de confiança e respeito mútuo, assegurando rigor e credibilidade à pesquisa^{8,9,13}.

DICAS IMPORTANTES:

Use Prompts

A preparação de “comandos” para cada pergunta é uma estratégia eficiente para manter o foco e explorar respostas mais detalhadas. Esses *prompts* orientam a condução da entrevista, permitindo aprofundar pontos relevantes e revelar informações inesperadas que podem enriquecer o estudo. A elaboração prévia de perguntas complementares ou de sondagem ajudam a explorar diferentes dimensões do tema, evitando lacunas no conteúdo. Essa abordagem estruturada também facilita a comparação entre entrevistas e melhora a consistência dos dados coletados. Ao mesmo tempo, a aplicação flexível das questões complementares permite adaptações conforme a dinâmica da conversa^{5,8,9,13,19}.

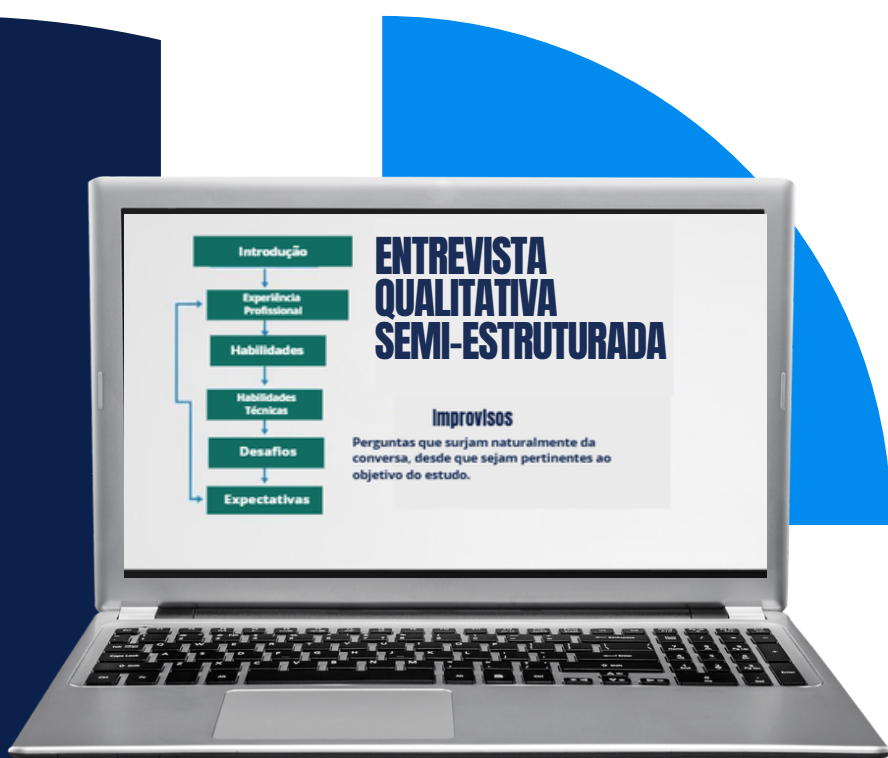


Adapte-se!!

Durante a entrevista, é fundamental estar aberto a ajustes no roteiro, incorporando perguntas que surjam naturalmente da conversa, desde que sejam pertinentes ao objetivo do estudo. Essa flexibilidade favorece a exploração de temas relevantes que possam não ter sido previstos inicialmente. Ao adaptar-se ao fluxo da entrevista, o pesquisador pode contribuir para aumentar a riqueza e a autenticidade das informações obtidas. O equilíbrio entre roteiro estruturado e abertura para imprevisto é um dos fatores que mais potencializam a qualidade do estudo^{5,6,7,19}.

O tempo é valioso, saiba usá-lo

A gestão eficiente do tempo é essencial para respeitar o participante e garantir entrevistas produtivas. Sessões excessivamente longas podem gerar fadiga, prejudicando a qualidade das respostas e comprometendo o engajamento. Sempre que possível, é recomendável optar por entrevistas mais curtas ou dividir o conteúdo em encontros diferentes, conforme a disponibilidade do entrevistado. Essa organização mantém a atenção e facilita a assimilação das perguntas. O planejamento adequado do tempo evita a sensação de pressa, permitindo que as respostas sejam mais completas e reflexivas^{5,6,7}.



Referências

1. Gil AC. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.
2. Brinkmann S, Kvale S. (2015). InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing (3rd ed.). Sage Publications, Inc.
3. WHO. World Health Organization. World Health Survey Plus: mobile phone survey technical package. Interviewer manual. Geneva: World Health Organization; 2025. Licence: CCBY-NC-SA 3.0 IGO.
4. Leitão C. A entrevista como instrumento de pesquisa científica em Informática na Educação: planejamento, execução e análise. In: PIMENTEL, Mariano; SANTOS, Edméa. (Org.) Metodologia de pesquisa científica em Informática na Educação: abordagem qualitativa. Porto Alegre: SBC, 2021. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 3) Disponível em: <https://ceie.sbc.org.br/metodologia/livro-3/>
5. Jacob SA, Furgerson SP. (2012). Writing Interview Protocols and Conducting Interviews: Tips for Students New to the Field of Qualitative Research. The Qualitative Report, 17(42), 1-10. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2012.1718>
6. Wood CI, Daley-Moore N, Powell R. (2019). Using Interviewing in Public Health Research: Experiences of Novice Researchers. The Qualitative Report, 24(10), 2441-2452. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2019.3901>
7. Roberts RE. (2020). Qualitative Interview Questions: Guidance for Novice Researchers. The Qualitative Report, 25(9), 3185-3203. <https://doi.org/10.46743/2160-3715/2020.4640>
8. Kalpokas N, Hecker J. (2023). O Guia Definitivo para Pesquisa Qualitativa – Parte 1: O Básico. Centro de Pesquisa ATLAS.ti. <https://atlasti.com/guides/qualitative-research-guide-part-1>.
9. Chahal A. Entrevistas em pesquisa qualitativa em cuidados de saúde. Rev. Pesq. Fisio. [Internet]. 2021 Acesso: 08 de agosto de 2025];11(1):218-21. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/fisioterapia/article/view/3450>.
10. Elhami A, Madrid, Khoshnevisan B. Conducting an Interview in Qualitative Research: The Modus Operandi. Mextesol Journal. V. 46. N. 1. 2022.
11. Bekele WB, Ago FY. (2022). Sample Size for Interview in Qualitative Research in Social Sciences: A Guide to Novice Researchers. Research in Educational Policy and Management, 4(1), 42-50. <https://doi.org/10.46303/repam.2022.3>.



12. Benlahcene A, Ramdani A. The process of qualitative interview: practical insights for novice researchers. The European Proceedings of Social and Behavioural Sciences. EpSBS. (i-COME'20) International Conference on Communication and Media 2020. 2021. DOI: 10.15405/epsbs.2021.06.02.52.
13. Maia ACB. Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa: elaboração, aplicação e análise de conteúdo. Manual Didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 52p. ISBN: 978-65-86101-06-5 [Impressão]. 978-65-86101-19-5 [Digital].
14. Jordan J, Clarke SO, Coates WC. A practical guide for conducting qualitative research in medical education: Part 1. How to interview. AEM Educ Train. 2021;5:e10646. <https://doi.org/10.1002/aet2.10646>.
15. Kang E, Hwang HJ. Ethical Conducts in Qualitative Research Methodology :Participant Observation and Interview Process. Journal of Research and Publication Ethics Vol 2 No 2 (2021), 5-10. JRPE website: <https://acom.s.kisti.re.kr/JRPE> doi: <http://dx.doi.org/10.15722/jrpe.2.2.202109.5>
16. Demirci JR. About Research: Conducting Better Qualitative Interviews. Journal of Human Lactation 2024, V. 40. N. 1. P. 21-24.
17. Lopezosa C, Codina L. ChatGPT y software CAQDAS para el análisis cualitativo de entrevistas: pasos para combinar la inteligencia artificial de OpenAI con ATLAS.ti, Nvivo y MAXQDA. 2023. Barcelona: Departamento de Comunicación. Serie Editorial DigiDoc. PCUV04/2023.
18. Robinson OC. Probing in qualitative research interviews: Theory and practice, Qualitative Research in Psychology, 2023. V. 20. N. 3. P. 382-397. DOI: 10.1080/14780887.2023.2238625
19. McGrath C, Palmgren PJ, Liljedahl M. Twelve tips for conducting qualitative research interviews, Medical Teacher. 2019. V. 41. N.9. P. 1002-1006. DOI: 10.1080/0142159X.2018.1497149.



Apêndice 1. Convite de participação em pesquisa.

CONVITE DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Prezado(a) participante,

A pesquisa intitulada "Gestão do Cuidado nos Efeitos Adversos do Tratamento da Tuberculose: Protocolo para Atuação do Enfermeiro" pretende compreender como os efeitos adversos ao tratamento da tuberculose são identificados e gerenciados na Atenção Básica, com foco na atuação do enfermeiro, através de pesquisa de campo participante, com entrevistas.

A participação é destinada a enfermeiros que acompanham pacientes em tratamento para tuberculose com efeitos adversos "menores" (como náuseas, vômitos, dor no estômago, alterações na coloração do suor ou urina, coceira leve, exantema discreto, cefaleia, alterações comportamentais leves, dormência, formigamento, perda da sensibilidade, fraqueza muscular, alterações na pressão arterial ou frequência cardíaca e elevação do ácido úrico) e a usuários que estejam enfrentando ou que já tenham enfrentado esses efeitos durante o tratamento.

Dentre os objetivos destaca-se desenvolver um instrumento tecnológico que auxilie na padronização das orientações e dos cuidados prestados aos usuários, promovendo mais segurança clínica e favorecendo a continuidade do tratamento, mesmo diante de reações adversas não graves. A sistematização das condutas por meio do Processo de Enfermagem visa reduzir encaminhamentos desnecessários, otimizar recursos e melhorar a experiência dos usuários nos serviços de saúde.

Esta pesquisa foi aprovada pelas seguintes instâncias: Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA) de Manaus – Anuência Institucional nº 44/2025; Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Parecer Consubstanciado nº 7.650.664, com aprovação e dispensa de apreciação pela CONEP; Autorização para realização da pesquisa emitida pelo Núcleo de Pesquisa, Extensão e Inovação em Saúde (NUPES/SEMSA) nº 35/2025.

A participação envolve riscos mínimos, relacionados apenas ao possível desconforto durante a entrevista, por se tratar de temas subjetivos ou sensíveis. Para garantir o bem-estar dos participantes, a entrevista será agendada em data, horário e local de preferência do participante, assegurando um ambiente privado. Caso surja qualquer desconforto, a entrevista poderá ser interrompida ou reagendada conforme sua conveniência. O tempo estimado para a realização da entrevista varia entre 60 e 90 minutos, podendo ser reduzido ou estendido de acordo com a disponibilidade e o ritmo do entrevistado.

Agradecemos imensamente sua disponibilidade e contribuição para esta pesquisa. Sua participação é essencial para a qualificação do cuidado em saúde e para a melhoria do tratamento de pessoas com tuberculose.

🙏 Sua voz importa. Seu cuidado também.

Juntos, podemos transformar o tratamento da tuberculose! 💖

Atenciosamente,

Sandra Regina Mousinho Azevedo

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Enfermagem em Saúde Pública (ProEnSP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA)



Manaus, ____ de _____ de 2025.

Apêndice 2. Guia de entrevista ao paciente.

✓ GUIA DE ENTREVISTA (Paciente)

ABERTURA E APRESENTAÇÃO

Apresentação da Pesquisadora:

"Olá, tudo bem? Meu nome é Sandra Regina, sou enfermeira e atualmente mestranda em Saúde Pública pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Ao longo de minha trajetória profissional no Programa de Controle da Tuberculose, atuei de forma contínua no apoio aos Distritos de Saúde, desenvolvendo ações estratégicas para a detecção e o acompanhamento de casos. Entre as principais atividades, realizei busca ativa de pacientes faltosos, identifiquei e resgatei pessoas com sintomas sugestivos da doença, além de efetuar coleta domiciliar de escarro para diagnóstico e monitoramento, visando confirmar a interrupção da transmissão. Também participei na localização de indivíduos que haviam abandonado o tratamento, oferecendo orientações e estímulo para o reinício da terapêutica. Atualmente, minhas atribuições incluem a investigação de óbitos relacionados à tuberculose, contribuindo para a análise das causas e para o aprimoramento das estratégias de prevenção e controle. Nessas minhas andanças, percebi que muitos pacientes têm dificuldade em continuar o tratamento por causa dos efeitos adversos dos medicamentos. Por isso, estou desenvolvendo uma pesquisa que busca melhorar o cuidado às pessoas com tuberculose, principalmente no enfrentamento desses efeitos. Meu objetivo é construir, a partir de histórias reais, um protocolo de atuação que ajude o enfermeiro a acolher melhor o paciente. Sua participação é muito importante para que eu possa desenvolver este estudo. A entrevista será confidencial e voluntária; você pode interromper quando quiser e não precisa responder a perguntas com as quais não se sinta à vontade. Se estiver de acordo, vamos ler juntos o termo de consentimento e você poderá tirar todas as suas dúvidas."

Explicar quaisquer dúvidas que possam ocorrer neste momento e, certificar-se quanto a compreensão na íntegra do documento.

(Participar da leitura e acompanhar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE) .

No momento do consentimento, acordar com o participante sobre a devolutiva da entrevista transcrita para fins de feedback, de concordância final sobre o conteúdo e condição para uso dos dados; sobre que tipo de participação e envolvimento o entrevistado deseja ter nesta fase e como ela se dará (tempo de resposta, entre outros).



A DADOS DE PERFIL DO PARTICIPANTE



(Essas perguntas podem ser feitas de forma leve, no início, como parte do aquecimento da conversa.)

1. Nome fictício:
2. Sexo:
3. Idade:
4. Escolaridade:
5. Religião:
6. Estado civil:
7. Ocupação:
8. Renda mensal e estrutura familiar (quantas pessoas, relações, dependência):
9. Tipo e condição da moradia (casa própria/alugada/cedida, número de cômodos, saneamento, ventilação):
10. Como você descreveria seu estilo de vida? (Rotina, alimentação, lazer, trabalho, hábitos)
11. Quais serviços de saúde você costuma utilizar? (Posto de saúde, hospital, outros)

A EXPERIÊNCIA COM A TUBERCULOSE



12. Você pode me contar, com suas palavras, como foi ou está sendo seu processo de adoecimento por tuberculose? O que isso representou ou representa para você hoje?

- Prompts de apoio:

- Como você descobriu a doença?
- O que sentiu emocionalmente?
- Como a doença afetou sua rotina, sua vida pessoal, familiar, profissional?

13. Como foi para você chegar ao diagnóstico de tuberculose? O que te levou a procurar ajuda e como foi o atendimento?

- Prompts de apoio:

- Teve dificuldade para ser ouvido(a) ou atendido(a)?
- Você passou por mais de um serviço ou demoraram a descobrir o que era?
- Alguém te orientou durante o processo?
- Sentiu-se acolhido(a) pelos profissionais nesse momento?



O ENFRENTAMENTO DO TRATAMENTO



14. E o tratamento? Como foi/está sendo para você lidar com ele no dia a dia, remédios, consultas?

- *Prompts* de apoio:

- Teve algum momento em que pensou em desistir? O que te fez continuar?
- Você teve alguma pessoa ou serviço que te apoiou durante esse período?
- Como o tratamento afetou seu trabalho, estudos ou convivência familiar?

15. Como você se sentiu e agiu diante dos efeitos adversos da medicação?

- *Prompts* de apoio:

- Que sintomas ou reações você sentiu?
- Com quem você conversou sobre isso? Como essa pessoa reagiu?
- Foi feito algo para aliviar esses efeitos?
- O que você acha que poderia ter sido feito de diferente?

RELAÇÃO ENFERMEIRO-PACIENTE



16. Como você acha que deveria ser a relação entre enfermeiro e o paciente com tuberculose?

- *Prompts* de apoio:

- Como foi a sua experiência? Sentiu-se ouvido(a)?
- O que fez você se sentir cuidado(a) – ou não?

PROPOSTAS PARA O PROTOCOLO



17. Após tudo que você viveu, o que você espera de um protocolo (lembrar o que é um protocolo – o que foi explicado no objetivo da pesquisa) de enfermagem para cuidar dos efeitos adversos do tratamento da tuberculose?

- *Prompts* de apoio:

- O que você acha que poderia melhorar no atendimento com base na sua vivência?
- Que coisas você acha precisam fazer parte deste protocolo?
- Como você acha que esse protocolo pode ajudar outras pessoas?





18. Estamos chegando ao final da nossa conversa. Gostaria de deixar algum comentário, sugestão ou algo que não foi perguntado, mas que você acha importante compartilhar?

- *Prompts* de apoio:
 - Como foi para você participar dessa entrevista?
 - Ajudou a refletir sobre algo?

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Contatos da pesquisadora:



- Email: srma.mep24@uea.edu.br
- WhatsApp: (92) 98108-2005

Transcrição e retorno:

Em breve, farei a transcrição da entrevista, vou transformá-la de oral para escrita, colocar no papel. Reforçar que, posso entrar em contato para esclarecer algum ponto, ou mesmo para que você revise seu depoimento, se desejar. Confirmado como queira participar dessa revisão, posso enviar a transcrição por e-mail ou *WhatsApp*.

Possível realização de nova entrevista:

Podemos marcar um segundo encontro, se você desejar ou se houver necessidade de esclarecimentos. Agradeço imensamente pela sua colaboração. Você ajudará a construir um cuidado mais humano e efetivo para muitas outras pessoas que enfrentam a tuberculose.

ANOTAÇÕES PÓS-ENTREVISTA (Uso exclusivo do pesquisador)



(A ser preenchida logo após a entrevista)

- Impressões gerais sobre o participante;
- Mudanças de humor ou tom de voz;
- Silêncios significativos;
- Reflexões do pesquisador;
- Ambiente da entrevista;
- Pistas para aprofundamento em entrevistas futuras;
- Possíveis vieses ou limitações.



Apêndice 3. Check-list para entrevista ao paciente

CHECK-LIST PARA ENTREVISTA (Paciente)



Preparação Antes da Entrevista



- Conferir lista de participantes e agendamento
 - Local adequado e reservado definido
 - Material para gravação testado (áudio/vídeo)
 - Impressão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
 - Guia de entrevista disponível (roteiro impresso)
 - Bloco/caderno ou planilha para anotações de campo
-

Início da Entrevista



- Apresentação pessoal (nome, formação, vínculo com a pesquisa)
 - Explicação clara dos objetivos do estudo
 - Garantia de confidencialidade e voluntariedade
 - Esclarecimento de dúvidas do participante
 - Leitura conjunta do TCLE
 - Coleta da assinatura do TCLE
-

Coleta de Dados do Participante



- Registrar nome fictício
 - Sexo, idade, escolaridade
 - Religião, estado civil, ocupação
 - Renda e composição familiar
 - Condição de moradia (tipo, estrutura, ventilação)
 - Hábitos de vida (rotina, alimentação, lazer, trabalho)
 - Serviços de saúde utilizados
-



Condução da Entrevista ✓

(Seguir roteiro semi-estruturado, garantindo que todos os tópicos abaixo sejam abordados)

- Processo de adoecimento (descoberta, impacto pessoal e social)
 - Diagnóstico (busca por atendimento, acolhimento, dificuldades)
 - Tratamento (adesão, desafios, apoio recebido)
 - Efeitos adversos (sintomas, apoio recebido, estratégias de enfrentamento)
 - Relação enfermeiro-paciente (experiência, sugestões)
 - Expectativas para um protocolo de cuidado
 - Comentários finais ou sugestões do participante
-

Durante a Entrevista ✓

- Confirmar gravação ligada
 - Observar presença de outras pessoas no ambiente
 - Anotar interrupções, pausas ou necessidade de reagendamento
 - Acompanhar o tempo de entrevista para registro
-

Encerramento ✓

- Agradecer a participação
 - Informar sobre o envio da transcrição para validação
 - Explicar possibilidade de um segundo encontro
 - Disponibilizar contatos para esclarecimentos
-

Anotações Pós-Entrevista (pesquisador) ✓

- Registrar impressões gerais sobre a entrevista
 - Anotar expressões não verbais relevantes (mudanças de humor, silêncios)
 - Registrar ambiente e eventuais interferências
 - Avaliar necessidade de entrevistas adicionais
 - Preencher dados metodológicos: duração, local, data, número do entrevistado
-



Apêndice 4. Guia de entrevista ao Enfermeiro

GUIA DE ENTREVISTA (Enfermeiro)

ABERTURA E APRESENTAÇÃO

Apresentação da Pesquisadora:

"Olá, tudo bem? Meu nome é Sandra Regina, sou enfermeira e atualmente mestranda em Saúde Pública pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Ao longo de minha trajetória profissional no Programa de Controle da Tuberculose, atuei de forma contínua no apoio aos Distritos de Saúde, desenvolvendo ações estratégicas para a detecção e o acompanhamento de casos. Entre as principais atividades, realizei busca ativa de pacientes faltosos, identifiquei e resgatei pessoas com sintomas sugestivos da doença, além de efetuar coleta domiciliar de escarro para diagnóstico e monitoramento, visando confirmar a interrupção da transmissão. Também participei da localização de indivíduos que haviam abandonado o tratamento, oferecendo orientações e estímulo para o reinício da terapêutica. Atualmente, minhas atribuições incluem a investigação de óbitos relacionados à tuberculose, contribuindo para a análise das causas e para o aprimoramento das estratégias de prevenção e controle. Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre como podemos melhorar o acompanhamento de efeitos adversos dos medicamentos, com base na relação entre enfermeiro e paciente. O objetivo desta entrevista é compreender sua vivência e percepção enquanto profissional da Atenção Básica para colaborar na criação de um protocolo mais sensível e aplicável à realidade do SUS.

Sua participação é voluntária e confidencial. Todas as informações serão utilizadas apenas para fins acadêmicos e científicos. Você poderá se recusar a responder qualquer pergunta e encerrar a entrevista a qualquer momento. Vou disponibilizar para você o Termo de Consentimento, para que possa realizar a leitura e tirar todas as suas dúvidas."

Explicar quaisquer dúvidas que possam ocorrer neste momento e, certificar-se quanto a compreensão na íntegra do documento.

(Aguardar a leitura e acompanhar a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE) .

No momento do consentimento, acordar com o participante sobre a devolutiva da entrevista transcrita para fins de feedback, de concordância final sobre o conteúdo e condição para uso dos dados; sobre que tipo de participação e envolvimento o entrevistado deseja ter nesta fase e como ela se dará (tempo de reposta, entre outros).



DADOS DE PERFIL DO PARTICIPANTE

(Essas perguntas podem ser feitas de forma leve, no início, como parte do aquecimento da conversa.)

1. Nome fictício:
2. Sexo
3. Idade:
4. Escolaridade:
5. Religião:
6. Estado civil:
7. Renda e estrutura familiar (brevemente):
8. Tempo de serviço na instituição e tempo de atuação com tuberculose:
9. Para começarmos, poderia me contar um pouco sobre você e sua trajetória na Enfermagem?

Prompts de apoio:

O que te levou a escolher essa profissão?

Como foi sua chegada na Atenção Básica?

Como tem sido sua experiência trabalhando com tuberculose?

PERCEPÇÕES SOBRE INSTRUMENTOS DE CUIDADO

10. Qual o significado de protocolo para você? Diga algumas palavras-chave que vêm à sua mente quando pensa nisso.

– *Prompts de apoio:*

- Em que situações você costuma usar protocolos?
- Como você vê a utilidade de um protocolo na rotina da Atenção Básica?

11. Quais suas concepções sobre o Processo de Enfermagem? Quais palavras-chave o definem para você?

– *Prompts de apoio:*

- Como o Processo de Enfermagem se aplica no seu cotidiano?
- Há alguma dificuldade para implementá-lo na sua unidade?

CONTEXTO DA UNIDADE E FLUXO DA TUBERCULOSE

12. Como você conceitua a estrutura e organização da sua unidade? Quais as facilidades e dificuldades que encontra no cotidiano?

– *Prompts de apoio:*

- Você se sente apoiado pela gestão e equipe?
- Há sobrecarga ou limitações que afetam seu trabalho?



13. Como está organizado o fluxo de diagnóstico, tratamento e acompanhamento dos efeitos adversos da tuberculose?

- Prompts de apoio:

- Poderia descrever esse fluxo passo a passo?
 - Quais sintomas adversos mais aparecem nos pacientes?
 - Existe algum protocolo local sobre isso?
 - Como você aborda o paciente com suspeita de efeito adverso?
-

RELAÇÃO INTERPESSOAL ENFERMEIRO-PACIENTE

14. Relate algumas considerações sobre a sua relação com os pacientes com tuberculose. Quais são as dificuldades e facilidades nesse vínculo?

- Prompts de apoio:

- Há abertura do paciente para relatar efeitos adversos?
 - Que estratégias você usa para criar confiança?
 - A relação influencia na adesão ao tratamento?
-

EXPECTATIVAS SOBRE O PROTOCOLO

15. Quais são suas expectativas em relação a um protocolo específico para acompanhamento dos efeitos adversos dos medicamentos da tuberculose?

- Prompts de apoio:

- O que não pode faltar nesse protocolo?
 - Que tipo de linguagem ou formato seria mais acessível?
 - Quais seriam as maiores barreiras para implementá-lo?
-

ENCERRAMENTO E REFLEXÃO LIVRE

16. Para finalizarmos, como foi essa experiência para você?

- Prompts de apoio:

- Você gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado?
 - Existe alguma sugestão para minha pesquisa?
-



ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Contatos da pesquisadora:



- Email: srma.mep24@uea.edu.br
- WhatsApp: (92) 98108-2005

Transcrição e retorno:

Em breve, farei a transcrição da entrevista, vou transformá-la de oral para escrita, colocar no papel. Reforçar que, posso entrar em contato para esclarecer algum ponto, ou mesmo para que você revise seu depoimento, se desejar. Confirmado como queira participar dessa revisão, posso enviar a transcrição por e-mail ou *WhatsApp*.

Possível realização de nova entrevista:

Podemos marcar um segundo encontro, se você desejar ou se houver necessidade de esclarecimentos. Agradeço imensamente pela sua colaboração. Você ajudará a construir um cuidado mais humano e efetivo para muitas outras pessoas que enfrentam a tuberculose.

ANOTAÇÕES PÓS-ENTREVISTA (Uso exclusivo do pesquisador)



A ser preenchida logo após a entrevista)

- Comportamentos observados:
 - Dificuldades percebidas:
 - Momentos-chave ou insights relevantes:
 - Pontos para revisar ou ajustar no roteiro:
 - Impressões subjetivas (empatia, resistência, entusiasmo, etc.).
-



Apêndice 5. Check-list para entrevista ao enfermeiro

CHECK-LIST PARA ENTREVISTA (Enfermeiro)



Preparação Antes da Entrevista ✓

- Conferir lista de participantes e agendamento
 - Local adequado e reservado definido
 - Material para gravação testado (áudio/vídeo)
 - Impressão do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)
 - Guia de entrevista disponível (roteiro impresso)
 - Bloco/caderno ou planilha para anotações de campo
-

Início da Entrevista ✓

- Apresentação pessoal (nome, formação, vínculo com a pesquisa)
 - Explicação clara dos objetivos do estudo
 - Garantia de confidencialidade e voluntariedade
 - Esclarecimento de dúvidas do participante
 - Acompanhamento da leitura do TCLE
 - Coleta da assinatura do TCLE
-

Coleta de Dados do Participante ✓

- Registrar nome fictício
 - Sexo, idade, escolaridade
 - Religião, estado civil, renda e estrutura familiar
 - Tempo de serviço na instituição
 - Tempo de atuação com tuberculose
 - Trajetória na Enfermagem e entrada na Atenção Básica
-

Condução da Entrevista ✓

(Seguir roteiro semi-estruturado, garantindo que todos os tópicos abaixo sejam abordados)

- Percepções sobre o Protocolo (definição, uso, relevância)
- Processo de Enfermagem (concepções, aplicação, dificuldades)



- Estrutura e organização da unidade (facilidades e desafios)
 - Fluxo de atendimento à tuberculose (diagnóstico, tratamento, efeitos adversos)
 - Identificação e manejo dos efeitos adversos
 - Relação interpessoal com o paciente com TB (facilidades e barreiras)
 - Expectativas sobre o protocolo de efeitos adversos
 - Comentários finais ou sugestões do participante
-

Durante a Entrevista ✓

- Confirmar gravação ligada
 - Observar presença de outras pessoas no ambiente
 - Anotar interrupções, pausas ou necessidade de reagendamento
 - Acompanhar o tempo de entrevista para registro
-

Encerramento ✓

- Agradecer a participação
 - Informar sobre o envio da transcrição para validação
 - Explicar possibilidade de um segundo encontro
 - Disponibilizar contatos para esclarecimentos
-

Anotações Pós-Entrevista (pesquisador) ✓

- Registrar impressões gerais sobre a entrevista
 - Anotar Comportamentos observados (expressões, atitudes, emoções)
 - Registrar momentos-chave ou insights relevantes:
 - Sugestões de ajustes no roteiro ou abordagem:
 - Preencher dados metodológicos: duração, local, data, número do entrevistado
-



SOBRE ESTE GUIA

A entrevista qualitativa semiestruturada constitui uma das principais estratégias de produção de dados nas pesquisas em saúde e ciências humanas, exigindo planejamento, rigor metodológico e sensibilidade ética durante todo o processo investigativo.

Este guia foi elaborado para apoiar pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação e profissionais que utilizam a abordagem qualitativa, reunindo orientações práticas para o planejamento, a condução, o registro e o encerramento de entrevistas.

O guia apresenta recomendações fundamentadas na literatura científica e na experiência dos autores, contribuindo para a condução rigorosa de entrevistas qualitativas e para a qualidade metodológica das pesquisas